

ACESSIBILIDADE URBANA NO CENTRO DA CIDADE DE SENHOR DO BONFIM (BA): UM OLHAR A PARTIR DA GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO

URBAN ACCESSIBILITY IN THE CITY CENTER OF SENHOR DO BONFIM (BAHIA, BRAZIL): A PERSPECTIVE FROM THE GEOGRAPHY OF AGING

ACCESIBILIDAD URBANA EN EL CENTRO DE LA CIUDAD DE SENHOR DO BONFIM (BAHÍA, BRASIL): UNA MIRADA DESDE LA GEOGRAFÍA DEL ENVEJECIMIENTO

Raiane Dias Cruz¹

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega²

RESUMO: A Geografia do Envelhecimento oferece um referencial analítico fundamental para compreender como o espaço urbano é produzido e apropriado, evidenciando as desigualdades socioespaciais que afetam a sociedade. Este estudo analisa a acessibilidade urbana no centro da cidade de Senhor do Bonfim (BA), buscando compreender de que modo a produção do espaço urbano responde às necessidades dos sujeitos em processo de envelhecimento. Metodologicamente, a pesquisa combinou revisão bibliográfica, observação direta dos espaços públicos e realização de entrevistas semiestruturadas com 24 moradores com idade igual ou superior a 60 anos, além da análise das condições de acessibilidade à luz da norma ABNT NBR 9050. Os resultados evidenciam que, embora o centro urbano concentre serviços e equipamentos coletivos, persistem limitações significativas relacionadas à inadequação de calçadas, mobiliário urbano, vagas de estacionamento, travessias e espaços de lazer, comprometendo a mobilidade, a segurança e o uso pleno da cidade pelos sujeitos envelhecidos. As percepções dos entrevistados revelam que os espaços públicos são frequentemente utilizados apenas por necessidade, e não como ambientes de convivência e lazer. Conclui-se que a cidade de Senhor do Bonfim ainda não se estrutura como um espaço urbano inclusivo para o envelhecimento, indicando a urgência de políticas públicas e práticas de planejamento baseadas nos princípios do desenho universal e da justiça socioespacial.

1

Palavras-chave: Envelhecimento. Acessibilidade Urbana. Geografia do Envelhecimento.

ABSTRACT: The Geography of Aging provides a fundamental analytical framework for understanding how urban space is produced and appropriated, revealing socio-spatial inequalities that affect society. This study analyzes urban accessibility in the city center of Senhor do Bonfim, Bahia, Brazil, seeking to understand how the production of urban space responds to the needs of individuals in the aging process. Methodologically, the research combined a literature review, direct observation of public spaces, and semi-structured interviews with 24 residents aged 60 years or older, in addition to an assessment of accessibility conditions based on the ABNT NBR 9050 standard. The results indicate that, although the city center concentrates services and collective facilities, significant limitations persist related to inadequate sidewalks, urban furniture, parking spaces, pedestrian crossings, and leisure areas, thereby compromising mobility, safety, and the full use of the city by aging individuals. Interviewees' perceptions reveal that public spaces are often used out of necessity rather than as environments for social interaction and leisure. It is concluded that the city of Senhor do Bonfim has not yet been structured as an age-inclusive urban space, highlighting the urgency of public policies and planning practices grounded in the principles of universal design and socio-spatial justice.

Keywords: Aging. Urban Accessibility. Geography of Aging.

¹Discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf, campus Senhor do Bonfim – BA). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Produção Social do Espaço GEPPSE/CNPq.

²Docente do curso de Geografia da Universidade Federal do Vale do São Francisco; docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf, campus Senhor do Bonfim – BA). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Produção Social do Espaço – GEPPSE/CNPq.

RESUMEN: La Geografía del Envejecimiento ofrece un marco analítico fundamental para comprender cómo el espacio urbano es producido y apropiado, evidenciando las desigualdades socioespaciales que afectan a la sociedad. Este estudio analiza la accesibilidad urbana en el centro de la ciudad de Senhor do Bonfim, en el estado de Bahía, Brasil, con el fin de comprender de qué manera la producción del espacio urbano responde a las necesidades de los sujetos en proceso de envejecimiento. Metodológicamente, la investigación combinó una revisión bibliográfica, la observación directa de los espacios públicos y la realización de entrevistas semiestructuradas con 24 residentes de 60 años o más, además del análisis de las condiciones de accesibilidad a la luz de la norma ABNT NBR 9050. Los resultados evidencian que, aunque el centro urbano concentra servicios y equipamientos colectivos, persisten limitaciones significativas relacionadas con la inadecuación de aceras, mobiliario urbano, plazas de estacionamiento, cruces peatonales y espacios de ocio, lo que compromete la movilidad, la seguridad y el uso pleno de la ciudad por parte de las personas envejecidas. Las percepciones de los entrevistados revelan que los espacios públicos son frecuentemente utilizados solo por necesidad y no como ámbitos de convivencia y recreación. Se concluye que la ciudad de Senhor do Bonfim aún no se configura como un espacio urbano inclusivo para el envejecimiento, lo que señala la urgencia de políticas públicas y prácticas de planificación basadas en los principios del diseño universal y la justicia socioespacial.

Palabras claves: Envejecimiento. Accesibilidad Urbana. Geografía del Envejecimiento.

INTRODUÇÃO

O estudo da Geografia do envelhecimento permite compreender que o espaço é (re)produzido constantemente por agentes econômicos e agentes sociais, classificados, grosso modo, como agentes produtores do espaço (Corrêa, 1989). Este artigo objetiva estudar a Geografia do envelhecimento com ênfase na produção do espaço geográfico, examinando os níveis de acessibilidade urbana e tem como questionamentos compreender qual a condição de acesso que a população de pessoas idosa possui nos espaços públicos da cidade? Existe uma infraestrutura de produção espacial pensada para a população envelhecida? Tais questionamentos pretendem elucidar que as pessoas passam por várias fases durante sua vida, e uma dessas fases é a velhice.

A velhice é tratada hegemonicamente como algo ruim, muitas pessoas velhas não aceitam ser chamadas por essa nomenclatura, preferem ser chamadas de idosos. Entretanto, idoso, refere-se à idade, enquanto o termo velhice se relaciona a uma etapa da vida que representa mais do que o passar do tempo, mas com o acúmulo de experiência de vida, de conhecimento, de superação de conflitos e de amadurecimento intelectual, ou seja, uma pessoa velha é uma pessoa vivida, e isso não deveria ser considerado algo ruim ou desrespeitoso, senão exatamente o oposto.

Não obstante, a sociedade tem o costume de usar a palavra velho, pelo menos no Brasil, como uma forma de ofensa. Como registra Paiva (2014, p. 142), a fragmentação do curso da vida humana é uma produção da sociedade moderna, o que vem servir à racionalidade instrumental capitalista, quando se classifica indivíduos por datação cronológica, abstraindo se seu processo de vida as particularidades que se relacionam. Neste sentido, a Geografia do envelhecimento aparece com a função de mostrar que o espaço geográfico é produzido e reproduzido, segundo Corrêa (1989), por agentes econômicos e agentes sociais que vivem em uma sociedade composta por seres humanos que exercem a sua vida em totalidade e a compreensão dessa totalidade também inclui a dimensão da velhice e tudo o que implica a reprodução da vida destes sujeitos.

Inevitavelmente os agentes sociais produtores do espaço são simultaneamente consumidores do espaço, revelando assim que o espaço é reflexo e condicionante da sociedade (Corrêa, 1989). Sob esta perspectiva, é fundamental entender que os sujeitos que participam do processo ampliado de produção são seres biológicos que obedecem a um ciclo de vida que se realiza na relação: nascimento – juventude – envelhecimento. Assim, é fundamental que o espaço seja produzido de forma a contemplar a demanda de todos os sujeitos sociais em suas múltiplas condições de vida, o que inevitavelmente deveria compreender as necessidades dos seres que envelhecem. Ademais, a questão da acessibilidade dos sujeitos velhos nos espaços da cidade é o reflexo do processo de produção e reprodução do espaço, que revela os sentidos coletivamente considerados centrais para cada grupo social. Reflete-se que se as condições de acessibilidade universal compreendem às demandas dos grupos sociais que necessitam de atenções específicas, tendencialmente a acessibilidade será universal e inclusiva, servindo para abarcar as necessidades dos grupos sociais acima de sessenta anos. Nesta idade, por lei, há alguns direitos, mas para que estes sejam cumpridos se faz necessário que o ambiente seja propício para atendê-los.

MÉTODOS

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza quali-quantitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentado nos pressupostos da Geografia do Envelhecimento e da análise da acessibilidade urbana. O estudo foi desenvolvido no centro da cidade de Senhor do Bonfim (BA), área que concentra serviços, equipamentos públicos e fluxos urbanos significativos, configurando-se como espaço estratégico para a análise das condições de acessibilidade da população envelhecida.

As fontes de dados incluíram: (i) revisão bibliográfica de obras e artigos científicos relacionados à Geografia do Envelhecimento, envelhecimento populacional e acessibilidade urbana; (ii) análise documental da norma ABNT NBR 9050 (2020); e (iii) dados empíricos obtidos por meio de observação direta e entrevistas.

A população estudada foi composta por moradores urbanos com idade igual ou superior a 60 anos, residentes em Senhor do Bonfim. A amostragem foi do tipo não probabilística por conveniência, totalizando 24 participantes, abordados de forma espontânea em espaços públicos centrais (praças, vias e entorno de serviços) e em domicílios, no período de fevereiro a agosto de 2023. Os critérios de inclusão foram: ter 60 anos ou mais, residir no município e aceitar participar voluntariamente da pesquisa; não houve critérios de exclusão além da recusa em participar.

Os instrumentos de coleta consistiram em entrevistas semiestruturadas, combinando perguntas previamente elaboradas com espaço para livre manifestação dos entrevistados, e em registros de observação sistemática das condições de calçadas, mobiliário urbano, travessias, vagas preferenciais e espaços de lazer, analisados à luz dos parâmetros da NBR 9050.

Segundo Severino (2013), entrevistas semiestruturadas são aquelas que apresentam questões elaboradas previamente e direcionadas, possibilitando uma articulação entre as perguntas, tem-se respostas mais categorizadas, e as não diretivas, fazem uso do discurso livre, colhe-se informação por meio de uma conversa em que o entrevistador vai estimulando e direcionando às respostas do entrevistado e registrando as informações, só intervém de forma discreta para ajudar nas respostas, com esse diálogo descontraído o informante fica mais à vontade em responder.

Os procedimentos analíticos envolveram a sistematização das respostas em categorias temáticas e a análise interpretativa dos dados qualitativos, articulada à quantificação simples de recorrências, bem como à comparação entre as condições observadas no espaço urbano e os critérios normativos de acessibilidade. Contou-se também com a pesquisa bibliográfica com destaque nos livros de Simone de Beauvoir (1990), Mirian Goldenberg (2013; 2020), Dulce Whitaker (2007), a norma NBR9050 (ABNT, 2020), pois também foi observado nos espaços públicos se eles obedeciam ao que estava posto nas normativas vigentes, além de outros elementos relacionados à acessibilidade urbana universal.

Quanto aos aspectos éticos, a pesquisa respeitou os princípios da voluntariedade, do anonimato e da confidencialidade das informações. Por tratar-se de entrevistas sem identificação nominal e sem coleta de dados sensíveis, realizadas para fins acadêmicos, o estudo

não envolveu submissão a Comitê de Ética em Pesquisa, sendo conduzido mediante consentimento verbal dos participantes, em conformidade com as orientações éticas para pesquisas em Ciências Humana

Tecendo reflexões e caminhos legais na relação do espaço urbano com os sujeitos idosos

De acordo com a retificação da lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, em seu artigo primeiro, são consideradas idosas, as pessoas com idade acima de sessenta (60) anos. Além disso, consta no artigo 3º, que deve ser obrigatoriamente assegurado pelo poder público, pela sociedade, pela comunidade e pelos seus familiares o direito à saúde, à alimentação, à educação, ao trabalho, à cultura, ao esporte, ao lazer dentre outras dimensões necessárias ao pleno desenvolvimento da vida humana. Ademais, o art. 8º, considera o envelhecimento como um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social. Este amparo legal consolida e legitima a condição da vida do sujeito velho como uma dimensão complexa que envolve, simultaneamente, questões privadas e públicas, reforçando a necessidade de compreensão da velhice para além dos muros privados da casa, mas sem desconsiderar a responsabilidade da família e da pessoa sobre o seu processo de envelhecimento e sobre a reprodução da vida em condição de velhice.

5

Ainda nos parâmetros jurídicos, é importante destacar a importância do Estatuto da Pessoa Idosa que prevê a garantia dos direitos essenciais aos sujeitos velhos.

De acordo com Fornasier e Leite (2018) o estatuto.

Trata-se de uma legislação atualizada, na mesma linha do Estatuto da Criança e do Adolescente e do Código do Consumidor. É um verdadeiro microsistema jurídico, regulamentando todas as questões que envolvem a pessoa idosa, tanto no aspecto material quanto processual. O Estatuto do Idoso está estruturado em sete Títulos, a saber: Título I – Das Disposições Preliminares; Título II – Dos Direitos Fundamentais, este composto de dez Capítulos; Título III – Das Medidas de Proteção, subdividido em dois Capítulos; Título IV – Da política de atendimento ao idoso, com seis Capítulos; Título V – Do acesso à Justiça, disciplinado em três Capítulos; Título VI – Dos Crimes, com dois Capítulos; e Título VII – Das Disposições Finais e transitórias, enfeixando 118 artigos (Fornasier e Leite, 2018, p. 2088).

Cabe esclarecer que o Brasil é um país, como citam Fornasier e Leite (2018), em acelerado processo de envelhecimento. Com base no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do Censo de 2022 (IBGE, 2023), a população brasileira aumentou nos últimos anos, e, entre as pessoas de idade superior a 60 anos, também houve um aumento significativo.

O envelhecimento é algo que atinge a todos, Costa e Basques (2017) entendem o envelhecimento como um processo complexo e multifatorial, pois ele corresponde a como cada pessoa na sua individualidade responde ao processo do passar do tempo e não tem a ver

obrigatoriamente com o que a idade determina sobre o envelhecimento. A velhice corresponde a como se realiza a combinação dos fatores biológicos, psíquicos e sociais, incidindo de forma diferente em função do gênero, da classe social, da cultura, dos padrões de saúde individual e coletivo da sociedade, entre tantos outros.

Grinberg e Grinberg (1999) comparam o tempo de vida com uma escada, em que cada degrau é um ano, mas essa escada não é igual para todos, seus degraus podem ser uniformes e confortáveis ou irregulares, incômodos, desnivelados em certos períodos ou por toda vida, depende de cada ocupante. Os idosos têm suas escadas mais longas, por terem muitos degraus percorridos, e, alguns fatores podem influenciar a manutenção desses indivíduos, como é o caso da saúde e o estilo de vida.

Observa-se, historicamente, que há uma recorrente negação da velhice que faz com que os agentes produtores do espaço não o pensem com o objetivo de dotá-lo de infraestruturas que acolham essa fase da vida. Mascaro (2004) reflete sobre o receio que tinha em relação à velhice por causa das perdas e limitações e a ideia de proximidade com a morte, além de outros problemas como o econômico e a desigualdade social.

Corrêa (1989) considera que o espaço urbano capitalista é resultado da ação dos agentes que manifestam a dinâmica de acumulação de capital e então tudo é pensado nessa lógica, reorganizando o espaço sem pensar nas pessoas de classe social baixa, mas sim, no que o trabalho pode gerar como possibilidade de ampliar a acumulação do capital.

A cidade se reproduz obedecendo os signos do capital, principalmente em países periféricos como o Brasil, a segregação habitacional e as dissimetrias de acesso são fortemente vinculadas na ausência de cumprimento de regulamentos que garantam o bem-estar social, logo os grupos sociais menos privilegiados são recorrentemente desconsiderados ou desprivilegiados quanto a garantia de qualidade de vida e acesso, o que reforça o lugar subalternizado da velhice, principalmente da velhice em condição de pobreza.

Estas dissimetrias, mencionadas anteriormente, além de reflexo de um ambiente político e social de baixa qualidade de vida, também são reflexo de um processo de educação fragilizado e pouco emancipador, o que reforça o que significa viver até a etapa de vida da velhice, por isso, para pensar questões mais abrangentes sobre a vida dos velhos é inevitável impor um agenda formativa que auxilie a desconstruir os estigmas da velhice como algo ruim, como expresso no artigo 22 do Estatuto do Idoso.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização da pessoa idosa, de forma a

eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria. (Redação dada pela lei nº 14.423, de 2022) (Brasil, 2003, p. 22).

Entretanto, observa-se a ausência desses temas nos diversos níveis de ensino. Além disso, a bibliografia a respeito da velhice busca explicar como ocorre o processo de envelhecimento, mas não há ainda concordância do que é exatamente a velhice, mas de fato, sabe-se que o envelhecimento é um processo que acontece desde que se nasce, e ao longo dos anos o corpo vai perdendo forças, decaindo e os cuidados aumentados. Sendo assim, é preciso pensar o espaço que essas pessoas ocupam para seu bem-estar, uma vez que, aqui no Brasil, segundo dados da ONU (2008), o Rio de Janeiro é a única cidade brasileira que segue o guia da cidade amiga do idoso

Pela lei nº 13.146, de 2015, o mobiliário urbano refere-se a todos os objetos existentes nas vias e nos espaços públicos, incluindo semáforos, postes de sinalização e similares, pontos de transporte coletivos, placas informativas, bancos, mesas com bancos, e demais objetos de urbanização ou elementos sobrepostos a eles. Nesta perspectiva, é ideal averiguar a opinião das pessoas idosas que residem na cidade de Senhor do Bonfim sobre esses objetos no intuito de saber se estão em boas condições de uso para eles.

Vale ressaltar que os homens são os que mais ocupam os espaços públicos urbanos da cidade, e isso se dá porque eles sempre tiveram mais liberdade. Goldenberg (2020) observa que as mulheres entendem a velhice, a fase pós aposentadoria, como maneira de serem livres, e que o homem sempre foi livre, e continua vivendo intensamente. Ademais, segundo o guia cidade amiga do idoso, uma característica de lugar amigável às pessoas idosas são os espaços verdes no meio urbano, por isso esses espaços devem ser preservados. Em muitas cidades constata-se que os parques e praças podem ser percebidos como hostis às pessoas idosas, uma vez que a presença de jovens e crianças que utilizam skate, bicicleta, patins e esses brinquedos podem atingi-los, mesmo que sem intenção.

De igual modo, é imprescindível a presença de bancos e lugares para sentar-se, bem como a presença de calçadas que facilitem a locomoção.

Há aprovação para as melhorias que algumas cidades estão fazendo em relação ao planejamento e à manutenção de calçadas. As características, a seguir relacionadas, para fazer calçadas amigáveis aos idosos são frequentemente (SIC) sugeridas: uma superfície homogênea, plana, antiderrapante; larga o bastante para circular em cadeira de rodas; rebaixamento do meio-fio para ficar nivelado com a rua; remoção de obstáculos como camelôs, carros estacionados e árvores; e prioridade de acesso para pedestres (ONU, 2003, p. 17).

Dessa forma, os sujeitos velhos poderão aproveitar mais dos espaços de lazer que tem disponíveis de forma viável.

Os idosos podem ler bons jornais todos os dias. Ou um bom livro; sempre com iluminação suficiente para facilitar a leitura. Fazer palavras cruzadas. Procurar pôr ordem em gavetas, fazendo uma limpeza. Ouvir música. Se tiver uma companhia, dançar. Dançar conforme a música. “A música é barulho que pensa”, como dizia Victor Hugo. É como o pão: elementar e santo, e é de todos, ricos ou pobres. Adote o hábito de ouvir músicas do gênero que aprecie. “Dançar, dançar, dançar evita envelhecer” - (ditado japonês). Jogar cartas, xadrez, damas, batalha naval ou outros jogos de salão, usando dados [...] (Grinberg e Grinberg, 1999, p.98 e 99).

Enfim, diversas são as possibilidades de os sujeitos velhos aproveitarem seu envelhecimento, contudo, é interessante que a cidade disponha de espaços que sejam possíveis a relação de integração das pessoas nos espaços fora das suas casas. Fornasier e Leite (2018) alegam que a sociedade moderna exclui as pessoas de forma muito mais paradoxal do que as sociedades anteriores, no mundo ocidental o corpo jovem e forte sempre chamou a atenção e foi portador de múltiplos privilégios.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observou-se que, no que refere à infraestrutura das ruas, calçadas e espaços de lazer, há baixo padrão de acessibilidade. Através das observações das ruas e das entrevistas foi possível perceber como a cidade de Senhor do Bonfim se comporta no que refere ao envelhecimento humano.

Dentre estes entrevistados, a maioria, apesar de aposentados, ainda exerce atividades laborais para completar a renda, alguns tinham empregos que boa remuneração, mesmo assim não foi suficiente para garantir estabilidade financeira na velhice. Diferente de Goldenberg (2013), que mostra em suas pesquisas que os sujeitos velhos veem a velhice como momento de privilégios, seu público traz uma leveza, aproveitam a juventude da nova idade, de conhecer novos amores e experiências, mas essa não é a realidade de todos, já que ela fala com pessoas de uma classe social específica e em uma cidade com um modo de vida bem diferente daquele realizado em Senhor do Bonfim, localizada no norte baiano.

Ao serem questionados se Senhor do Bonfim é um lugar acessível, fácil de ir aos lugares, as respostas foram para alguns que sim. Senhor do Bonfim aparece para muitos como uma boa cidade, por causa da tranquilidade, não é como as cidades grandes. As reclamações maiores são referentes aos bancos e aos estabelecimentos que demoram muito no atendimento. Além disso, a questão de preferência de atendimento às pessoas maiores de 60 anos, como indica a legislação, os entrevistados indicam que há aí grandes problemas. Um senhor até relatou que prefere pegar a fila “normal” a preferencial, porque é mais rápido, e isso é uma questão, logo, uma única fila

acaba por acumular um número maior de pessoas, fazendo com que, dependendo do volume de pessoas a serem atendidas, isso seria um ponto a considerar nesses estabelecimentos.

Ainda pensando sob os fluxos espaciais, percebe-se que há questões a serem consideradas sobre o trânsito. Poucos são os entrevistados que usam o transporte público, os que fazem uso, utilizam só em viagens para outras cidades, para ir ao centro de Senhor do Bonfim ou outras partes da cidade a maioria vai à pé e os demais de transporte privado. Sobre os semáforos, faixas e demais sinalizações relacionadas ao trânsito, notou-se que elas estão boas em suas funções no centro da cidade, porém, no que se refere as faixas preferenciais para estacionamento há um problema, logo, só há uma vaga para cadeirante e uma para idosos, naqueles lugares em que há vagas de estacionamento, e isso não é bom, já que possivelmente não haverá apenas uma pessoa idosa por vez nos bancos, por exemplo para ocupar a vaga.

De acordo com as normas da NBR 9050 (ABNT, 2020), as vagas preferenciais de estacionamento são aquelas destinadas a veículos que conduzam ou sejam conduzidos por idosos, e devem ficar próximas à entrada do estabelecimento para melhor deslocamento, sendo as sinalizações verticais não interferindo nas áreas de acesso ao veículo, exemplo disso é a vaga que existe em frente ao Banco do Nordeste.

A filas preferenciais precisam ser melhoradas em todos os estabelecimentos públicos na cidade, segundo os entrevistados. Whitaker (2007) reflete a respeito disso questionando o Estado, por não obrigar os bancos a criarem espaços especiais para idosos, colocar pessoas para ajudá-los, e evitar as filas. Isso vale para bancos e demais locais, se o atendimento fosse organizado, não seria necessário fazer com que pessoas que biologicamente não estão em condições de ficar horas em pé, passassem por estas situações que infringe a própria lei. Logo, esse não é um exemplo de tratamento desumano, que inflige a dignidade da pessoa idosa?

Pela legislação, as pessoas com mais de 60 anos devem ser protegidas, ao serem questionadas sobre como são tratadas nos espaços públicos abertos e fechados alguns falaram que são bem tratados, cedem a preferência a eles, ajudam a atravessar a rua e tiveram àqueles que discordaram, uma senhora mencionou que ao atravessar a rua já escutou "sai do meio sua velha!".

Assim, conclui-se que o respeito é relativo, vão ter pessoas que são cordiais como também hostis, aliás, enquanto fazia uma entrevista, uma senhora que vende na pracinha viu que ele estava sendo entrevistado e fez questão de discordar quando ele falou que as pessoas respeitam a travessia de idosos, alegando que há poucos dias uma outra senhora quase foi atropelada. Beauvoir (2018) reflete que antigamente os sujeitos velhos eram respeitados, pois

estes detinham de sabedoria, bem como, cita exemplos nas histórias em que alguns não desejavam a velhice por trazer consigo a doença e a falta de força. Percebe-se na narrativa de Beauvoir (2018) que a sociedade ocidental, nitidamente a europeia, a velhice é trata com desrespeito, fazendo com que os sujeitos velhos sejam considerados parias sociais e excluídos do espaço produtivo, enquanto nas sociedades orientais e alguns grupos indígenas o velho é tratado com respeito e prestígio social.

No que refere à acessibilidade urbana, ela deve considerar a noção do desenho universal e a tese de que o espaço urbano deve ser possível de ser acessado pelo indivíduo que tenha a maior restrição, pois se atender estes sujeitos, atenderá todos os demais. Com isso, a acessibilidade urbana deve ser pensada, considerando, principalmente as limitações que vão aparecendo com o passar dos anos e garantindo os princípios de justiça social. Filosoficamente, é possível refletir sobre o sentido ético que vai sendo construindo pela acumulação de modernidade no mundo, percebe-se que com a tecnologia a sabedoria dos mais antigos foi sendo relegada a segundo plano, possibilitando, alegoricamente, significar que a tradição foi sendo substituída pela linguagem de programação e com isso a simbologia da velhice foi subvertida pela eficiência da modernidade e a noção de juventude. No entanto, em termos práticos, as pessoas continuam envelhecendo, e com o apoio dos avanços tecnológicos elas envelhecem em maior número, reforçando os termos do conflito e trazendo a emergência de uma grave questão social.

10

A partir dessa perspectiva, pode-se incorporar à discussão a questão do lazer como uma dimensão fundamental para as pessoas que estão envelhecendo, pois, todos envelhecem, cada um ao seu tempo e à sua maneira, até mesmo antes dos 60 podem aparecer as doenças e enfermidades que são tão temidas e injustamente condicionadas à velhice. Por esta razão, a cidade precisa ser um local que acolha, ter lugares de lazer é essencial, todavia, em Senhor do Bonfim, foi constatado que o lazer, no espaço público, só ocorre nas praças, mas, ao mesmo tempo, não há o que fazer lá a não ser ficar sentado olhando as movimentações, revelando uma ausência de políticas públicas e programas sociais de inclusão dos sujeitos velhos.

Whitaker (2007) considera que, em geral, as praças são locais agradáveis e crianças e idosos gostam de ficar nelas, especialmente os homens. As mulheres preferem ficar em casa, fazendo crochê e/ou na TV. Esta constatação se reflete entre os entrevistados em Senhor do Bonfim, os entrevistados das praças eram majoritariamente homens e as mulheres que foram alcançadas pelo estudo relataram que gostavam de ficar em casa assistindo novelas. Isso se dá por vários motivos, dentre eles está o histórico da sociedade, a insegurança, e um fator bem

recente que foi a pandemia da covid-19, que contribuiu para que as pessoas perdessem o hábito de sair de casa, e atrelado ao avanço da tecnologia, permitiu que tudo se resolvesse sem precisar sair de casa, e as pessoas idosos também passaram a usar os meios de comunicação evitando o contato presencial.

Vale ressaltar que quando questionados sobre o que seria espaços de lazer e se em Senhor do Bonfim tem, as respostas foram negativas, por só ter as praças para sair, muitos preferem ficar em suas casas, alguns relataram que é por segurança, pois nos últimos anos não é ideal sair à noite, outros afirmam que não gostam de ficar nas praças por causa dos jovens que têm comportamentos inadequados e por não se sentirem bem de presenciar, preferem evitar. Àquelas pessoas que foram entrevistadas nas praças, algumas estavam de passagem e poucas estavam lá por lazer, essas últimas gostam desses espaços e lamentam apenas que gostariam de mais arborização na cidade e ter algo atrativo que possibilite a permanência de mais pessoas nos espaços públicos.

Em conforme a isso, o guia cidade amiga do idoso, relata uma situação semelhante ao que uma senhora relatou a respeito das praças:

os idosos e cuidadores de xangai gostam das áreas de descanso existentes em sua cidade. em melbourne, a colocação de áreas externas para sentar-se é vista positivamente. mas há alguma preocupação com a utilização de áreas ou bancos públicos por pessoas ou grupos intimidadores ou que apresentam comportamento antissocial. em tuymazy, por exemplo, foi pedido que os bancos públicos fossem removidos por esse motivo (onu, 2008, p.17).

11

Em continuidade, na NBR 9050, no que refere ao piso e a circulação os revestimentos devem serem estáveis e regulares, evitando colocar nas calçadas revestimentos estampados com visão tridimensional, pois isso pode prejudicar as pessoas idosas, e até àqueles que têm problema de visão, ou mesmo PCDs.

Ao passar pelas ruas durante as entrevistas, pode-se perceber que próximo à praça do congresso, calçadão, e ruas mais próximas a eles, há um piso de pedrinhas que precisa ser mudado, inclusive em alguns espaços já começaram a mudar. Outro fator é o piso irregular e entulhos nas calçadas, há divergência na altura das calçadas, ou objetos que não deveriam estar pode ser um perigo para essas pessoas.

Ainda sobre o lazer, foi relatado que seria interessante ter bailes da terceira idade, na cidade as festas são de músicas atuais. Alguns entrevistados gostariam de ir dançar com seus parceiros ou conhecer pessoas novas. Segundo o Estatuto da Pessoa Idosa (BRASIL, 2003), no artigo 10, inciso 1, os idosos têm a liberdade de ir e vir nos espaços públicos e comunitários, praticar esportes e se divertir, então os espaços públicos devem ser construídos contendo

mobiliário, pisos e demais objetos que não dificultem a locomoção, além da criação de projetos que busquem esse público e os levem a participar nos espaços públicos.

De toda forma, como alguns dos entrevistados relataram que não gostam de sair porque não têm o hábito de ter esse lazer, a forma das calçadas precisa ser melhorada, bem como a educação das pessoas, pois nas calçadas que são de pedrinhas, o que pode levar a um acidente, tem entulhos, carros, objetos para construções e por isso tem que andar na via, junto aos automóveis. Quanto ao tamanho das calçadas, sobre a largura, o espaço é adequado, mas tem algumas com desníveis, inclusive, na praça Campo do Gado que apresenta uma escadaria a qual uma das entrevistadas advertiu que teme passar por lá por medo de cair.

Em estudo transversal retrospectivo com 72 idosas, demonstraram que a maioria dos episódios de quedas ocorre na rua, sendo o principal motivo a má conservação dos locais, como buracos, pedras soltas, desníveis, degraus muito altos, pisos instáveis ou escorregadios (Costa e Basques, 2017, p. 41).

Aliás, muitos idosos vêm a falecer ou quebrar membros importantes na rua por causa de quedas e atropelamentos. Se tiver como base o Guia cidade amiga dos idoso (ONU, 2008), Senhor do Bonfim pode proporcionar aos seus moradores um envelhecimento ativo, aderindo a inclusão de condições materiais e fatores sociais, que podem contribuir para um espaço urbano acessível não só para pessoas acima de 60 anos, mas para toda a comunidade.

Ainda, vale ressaltar que existem vários fatores que impossibilitam, mesmo tendo áreas de lazer, muitos idosos de aproveitá-los. Exemplo disso é o que foi narrado por uma das entrevistadas, uma senhora de 77 anos, que para chegar até a praça da cidade precisa de um transporte e ela não provém deste, ademais, ela usa sonda de alimentação e não há locais para fazer sua alimentação e higienização ao sair de casa, tendo em vista que o salário de pessoas aposentadas no Brasil não garante a satisfação de todas as necessidades básicas e instrumentais.

Então, percebe-se em um panorama geral que o espaço urbano não é acessível para os sujeitos idosos, porque a limitação começa dentro da própria casa, por causa das condições financeiras, pois dentre os entrevistados, uma senhora também alegou que só sai de casa quando seu filho, que tem carro, vai buscá-la para resolver, por exemplo, algo no Banco, e nem na porta de casa ela gosta de ficar porque, apesar de ser uma rua que só moram pessoas idosas, há poucos dias houve um assalto na frente da casa de uma moradora.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar a acessibilidade urbana no centro da cidade de Senhor do Bonfim (BA) a partir dos referenciais da Geografia do Envelhecimento, buscando

compreender em que medida a produção do espaço urbano responde às necessidades dos sujeitos em processo de envelhecimento. As questões centrais que orientaram a pesquisa, relativas às condições de acesso aos espaços públicos, à existência de infraestruturas adequadas e à apropriação da cidade pela população envelhecida, foram abordadas por meio da articulação entre análise normativa, observação empírica e escuta qualificada dos moradores com 60 anos ou mais.

Os resultados evidenciam que, embora o centro urbano concentre serviços, equipamentos coletivos e fluxos cotidianos relevantes, a cidade ainda apresenta importantes limitações no que se refere à acessibilidade universal. A inadequação de calçadas, a presença de pisos irregulares, a insuficiência de vagas preferenciais, as dificuldades nas travessias e a precariedade do mobiliário urbano comprometem a mobilidade, a segurança e a autonomia dos sujeitos envelhecidos. Tais limitações reforçam a compreensão de que o espaço urbano de Senhor do Bonfim não é produzido prioritariamente a partir das demandas do envelhecimento, reproduzindo lógicas excludentes que tendem a marginalizar essa etapa da vida.

As percepções dos entrevistados indicam que os espaços públicos centrais são, em grande medida, utilizados apenas por necessidade funcional, e não como ambientes de convivência, lazer ou permanência qualificada. A escassez de políticas públicas voltadas ao lazer e à sociabilidade da população envelhecida, associada às condições materiais inadequadas do espaço urbano, contribui para o afastamento desses sujeitos da vida pública, reforçando processos de invisibilização social da velhice.

Conclui-se, portanto, que a cidade de Senhor do Bonfim ainda não se configura como um espaço urbano inclusivo para o envelhecimento, evidenciando a urgência de práticas de planejamento e gestão urbana fundamentadas nos princípios do desenho universal, da justiça socioespacial e do direito à cidade. Ao evidenciar as dissonâncias entre normativas técnicas, vivências cotidianas e produção do espaço, o estudo contribui para o debate sobre envelhecimento e acessibilidade em cidades médias do interior brasileiro, indicando caminhos para a formulação de políticas públicas mais sensíveis às múltiplas dimensões do envelhecer.

REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. ABNT NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 3 ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. 3 ed. Tradução: MARTINS, Maria Helena Franco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. recurso digital (Biblioteca áurea).

Brasil Presidência da República. Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei 10.741 de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso 17 ago 2023.

BRASIL PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº10.098 de 19 dez.2000. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso 17 ago 2023.

BRASIL. Estatuto da Pessoa Idosa. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Ministério dos Direitos Humanos Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, Brasília, 2022.

COSTA, Carla Regina Soares e BASQUES, Igor Tachetti. O idoso - mobilidade e acessibilidade urbana. REVISTA PORTAL de Divulgação, n.51, Ano VII Jan/ Fev/Mar 2017. ISSN 2178-3454. www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova

FORNASIER, Mateus de Oliveira e LEITE, Flavia Piva Almeida. A EXCLUSÃO SOCIAL DO IDOSO NO AMBIENTE URBANO. Revista de Direito da Cidade. vol. 10, nº 3 2018, ISSN 2317-7721, pp. 2073-2105.

GOLDENBERG, Mirian. A bela velhice. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. recurso digital Formato: ePub. ISBN 978-85-01-10042-9 (recurso eletrônico).

GOLDENBERG, Mirian. A invenção de uma bela velhice. 1 ed. [recurso eletrônico]: projetos de vida e a busca da felicidade. Rio de Janeiro: Record, 2020. Formato: epub. ISBN 978-85-01-11980-3 (recurso eletrônico)

ONU. Guia global: cidade amiga do idoso. OMG. Dados internacionais de catalogação na publicação - Biblioteca da OMS, 2008.

PAIVA, S. O. C e. Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital. São Paulo: Cortez, 2014.

GRINBERG, Abrahão; GRINBERG, Bertha. A arte de envelhecer com sabedoria. São Paulo: Nobel, 1999.

MASCARO, Sonia de Amorim. O que é velhice. São Paulo: Brasiliense, 2004. Coleção primeiros passos: 310.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. ed. 1.[livro eletrônico]São Paulo: Cortez, 2013. 1,0 MB; e-PUB.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Envelhecimento e Poder. A posição do idoso na contemporaneidade. Campinas, SP: Alínea, 2007.